

PORTO

dos

CAVALEIROS

N.º 1 • Fevereiro 2002

Jornal de Lamas de Mouro • Director: José Domingues • E-mail: portocavaleiros@hotmail.com • Preço: 0,50 €

O Porto dos Cavaleiros

Este lugarejo raiano, meeiro das freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, que hoje serve para apadrinhar este periódico local, está praticamente desaparecido e perdeu toda a importância que lhe estava atribuída noutras eras mais recuadas.

Em documentos mais antigos, vem também referido como "Porto dos Asnos", mas o que sobreviveu à Época Moderna foi o de "Porto dos Cavaleiros", actualmente muito adulterado para "Porteiro".

O designativo "dos Cavaleiros" anda quase sempre associado a alguma das célebres ordens religioso-militares que, desde os primeiros tempos da Nacionalidade, se disseminaram por todo o Portugal, assumindo incontestada preponderância na formação, defesa, população e arroteamento das suas terras.

Por estes lados não falta a tradição popular de que em Lamas de Mouro teria existido um mosteiro da mítica Ordem dos Cavaleiros Templários, mas se esta não passa de uma lenda poética sem qualquer fundamento, não faltam as provas autênticas que, desde a Época Medieval, ligam o espaço territorial desta freguesia à Ordem dos Cavaleiros do Hospital de S. João de Jerusalém, posteriormente Ordem de Malta – era o Couto de S. João de Lamas de Mouro, sob a administração directa da Comenda de Távora, sediada no concelho dos Arcos de Valdevez.

Além disso, pelo menos desde o século XVI, o espaço territorial da freguesia vizinha de Castro Laboreiro, foi comenda da Ordem de Cristo, não faltando, por isso, os motivos para apelidar esta passagem fronteiriça, onde, durante o período das guerrilhas da Restauração, teria sido levantado um forte defensivo, como tantos outros espalhados ao longo da linha limite que separa Portugal e Espanha.

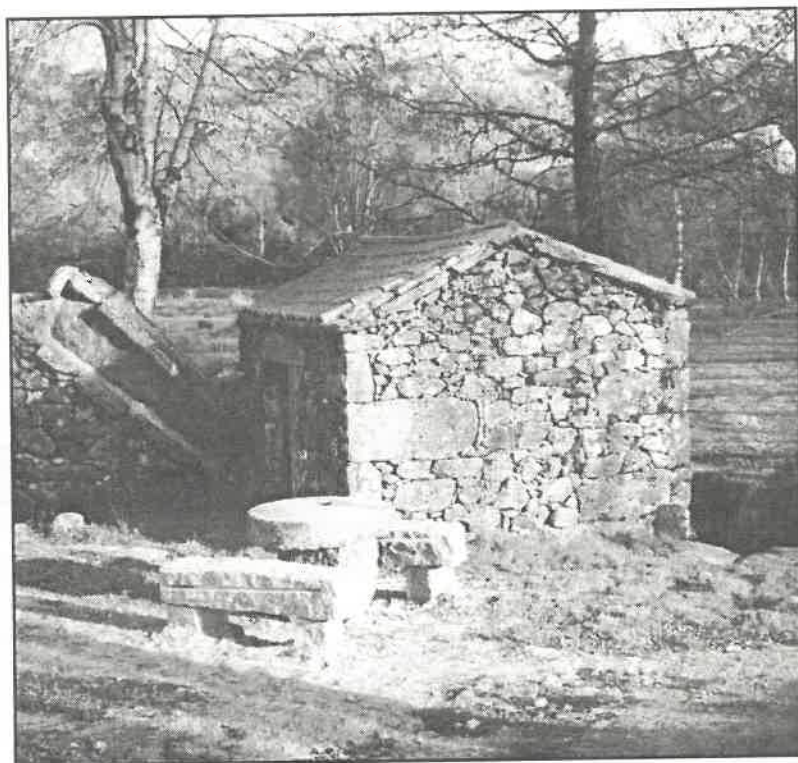
No concelho de Melgaço, existe ainda o lugar de "Cavaleiros", na freguesia de Rouças, e a "Quinta dos Cavaleiros", que muitas vezes tem sido associados aos Cavaleiros Templários, mas que até hoje continuam sem qualquer suporte documental.

A escolha deste título – **Porto dos Cavaleiros** – para além de reanimar o topónimo adormecido na poeira da História, vai de encontro com os objectivos primordiais deste periódico: não só registar os acontecimentos quotidianos mais relevantes desta pequena comunidade, mas também arquivar e reavivar alguns faustos, lendas, tradições e outras memórias passadas, que formam a sua identidade cultural, primando pela sua preservação.

[O Director]

MOINHO DO PORTO RIBEIRO

Junto à porta de entrada do moinho do Porto Ribeiro foi colocada, para servir de mesa, uma mó que se recuperou quando da reconstrução deste velho moinho.



Sumário

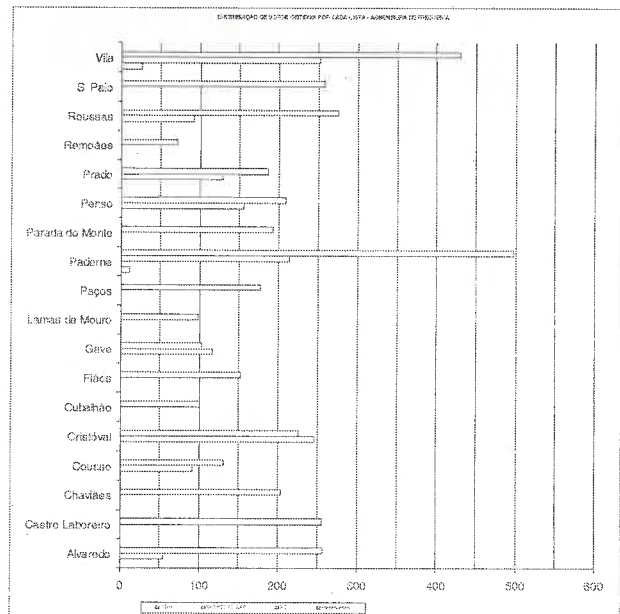
O Porto dos Cavaleiros	Pág. 1
Eleições Autárquicas	Pág. 2
Energia Eólica no Monte de Pomedelo	Pág. 3
Obras de beneficiação na ponte do Porto Ribeiro	Pág. 4
Memórias de um amigo da nossa terra	
Manuel Pereira	Pág. 5
Efemérides	Pág. 8

ELEIÇÕES PARA OS ORGÃOS DAS AUTARQUIAS LOCAIS

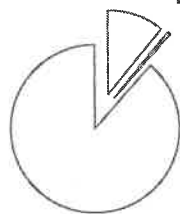
16 DEZEMBRO 2001

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

FREGUESIA	Nº Eleitores	Total de Votantes	Votos Brancos	Votos Nulos	C.D.U.	PPD/PSD CDS/PP	P.S.	Independentes
Alvaredo	559	328	12	4		55	257	
Castro Laboreiro	871	300	40	4			256	
Chaviães	519	227	19	4			204	
Cousso	425	235	2	10		92	131	
Cristóval	678	483	4	7		246	226	
Cubalhão	264	111	10	0			101	
Fiães	417	171	18	1			152	
Gave	404	226	2	4		117	103	
Lamas de Mouro	229	111	12	1			98	
Paços	444	224	46	1			177	
Pademe	1410	752	16	14	11		214	497
Parada do Monte	647	275	79	3			193	
Penso	548	377	5	8		155	209	
Prado	517	324	7	2		129	186	
Remoães	177	80	6	3			71	
Roussas	711	382	8	7		92	275	
S. Paio	701	308	47	2			259	
Vila	1197	735	20	8	25	252	430	
TOTAL	10718	5649	353	83	36	1138	3542	497



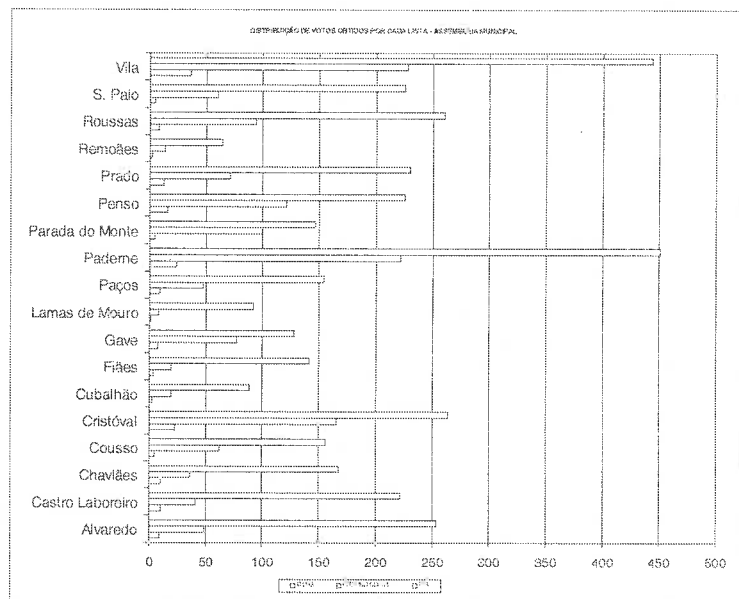
Assembleia de Freguesia - Lamas de Mouro



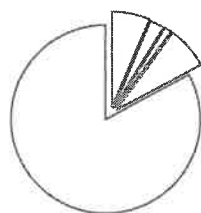
Votos Brancos
 Votos Nulos
 P.S.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

FREGUESIA	Nº Eleitores Inscritos	Total de Votantes	Votos Brancos	Votos Nulos	C.D.U.	PPD/PSD CDS/PP	P.S.
Alvaredo	559	328	12	5	9	48	254
Castro Laboreiro	871	300	21	6	10	41	222
Chaviães	519	227	9	4	10	36	168
Cousso	425	235	6	7	4	62	156
Cristóval	678	483	28	4	22	165	264
Cubalhão	264	111	2	0	2	19	88
Fiães	417	171	5	3	3	19	141
Gave	404	226	10	4	7	77	128
Lamas de Mouro	229	111	7	3	1	8	92
Paços	444	224	11	3	9	47	154
Pademe	1410	752	42	14	23	222	451
Parada do Monte	647	275	24	2	4	99	146
Penso	548	377	5	9	16	121	226
Prado	517	324	9	2	12	71	230
Remoães	177	80	0	1	2	13	64
Roussas	711	382	10	9	8	94	261
S. Paio	701	308	13	5	4	60	226
Vila	1197	735	20	7	36	228	444
TOTAL	10718	5649	234	88	182	1430	3715



Resultados para Assembleia Municipal - Lamas de Mouro



Votos Brancos
 Votos Nulos
 C.D.U.
 PPD/PSD CDS/PP
 P.S.

(Continua na pág. 8)

Energia Eólica no Monte do Pomedelo

No dia 19 de Outubro de 2001, no Cartório Notarial de Melgaço, foi assinado um contrato de cessão de exploração de terreno baldio, entre a Junta de Freguesia de Lamas de Mouro, como primeira outorgante, e a Eólica da Cabreira LDA e a Finerge – Gestão de Projectos Energéticos S.A., como segundas outorgantes, com vista à implantação de um parque eólico no cimo do Monte do Pomedelo.

A primeira outorgante comprometeu-se a ceder à segunda os terrenos baldios, que tinha sob a sua administração, designados por: Lavradios, Chã da Malhada, Busenle, Ceivadas, Carqueijal, Fonte Fria, Cabeça do Pito, Touça da Clara e Porto da Beilhosa, para que as segundas outorgantes possam aí instalar um parque eólico para produção de energia eléctrica.

O prazo de cessão de exploração foi fixado em 20 anos, com início em 19 de Outubro de 2001 e término em 19 de Outubro de 2021 e será automaticamente renovado por um período de mais 5 anos até 19 de Outubro de 2026. Nesta última data, por acordo das partes, poderá o contrato ser renovado por um período não superior a 15 anos.

A título de compensação pela cessão de exploração dos baldios as segundas outorgantes comprometem-se a pagar à primeira:

1. Um milhão e quarenta e seis mil escudos (1.046.000\$00) por ano, desde a assinatura do contrato e até à data da assinatura do auto de ligação à rede pública, num prazo máximo de cinco anos [a primeira anuidade já foi paga no momento da assinatura do contrato].
2. A partir da data de assinatura do auto de ligação à rede pública, e durante a vigência do contrato, a compensação

anual de setecentos e trinta e três mil escudos (733.000\$00) por MW instalado no terreno.

3. No local da instalação da subestação, acresce uma compensação anual de mil escudos (1.000\$00) por metro quadrado ocupado com a referida subestação.
4. Durante a construção do parque, as segundas outorgantes comprometeram-se a pagar o valor global equivalente a 0,83% do investimento afecto ao parque (200.000\$00 por KW instalado) na proporção dos MW instalados no terreno.

Apesar de actualmente já não existirem os rebanhos de animais que cobriam estes e outros baldios da freguesia, ficaram salvaguardados os direitos de pastagem e de corte de mato.

Mas o espaço territorial a ocupar pelo dito parque eólico estende-se a outras freguesias limítrofes, todas do concelho de Melgaço – Cubalhão, S. Paio, Roussas e Fiães – na proporção abaixo especificada, de acordo com os limites territoriais traçados pelo Instituto Português de Cartografia e Cadastro, em anterior parecer.

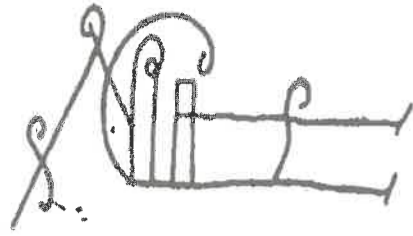
Freguesia	Hectares (ha)
Lamas de Mouro	125.2
Cubalhão	2.9
Fiães	6.8
S. Paio	24.3
Roussas	92.2
Área Total do Parque	251.4



Organização

**Núcleo de Estudos e Pesquisa
Dos
Montes Laboreiro**

Telefones: 919174342/934769141
Correio: monteslaboreiro@hotmail.com



Selo de D. Afonso III de Leão

Despedida a Castro Laboreiro
Eu, que nunca eu dixera, escado o cimo de Castro Laboreiro, moumo urces e digovos que nada me commove.
Sinto que a espada está vencida e corva.
Morte que me moceas, non me asustas.
As corgas seguirán onde adoitaban.
Outros homes virán onde eu vivira.
En Castro Laboreiro ha haber codesos, carqueixa e herbas más, descontra Górgua, mentre-lo mundo siga a se-lo mundo.
O mou dó será lene bris de outono e este adeus ás materias e enerxias en ningures será nunca lembrado.

MÉNDEZ FERRÍN, *Xosé Luís* - "Despedida a Castro Laboreiro". in *Boletín Galego de Literatura*

Quero adormecer no berço
Onde sorri em criança.
Só então terei sossego
Como na distante infância!

Padre Anibal Rodrigues

**2º CONGRESSO
DE HISTÓRIA
LOCAL**

Data: 16/08/2003

Hora: 14:30

**"Vila"
de
CASTRO LABOREIRO**

FESTA CULTURAL 2003

Convidados de Honra: Doutora Alice Geraldès, autora do livro "Brandas e Inverneiras" e o Doutor Luís Polanah*, autor do livro "Comunidades Camponesas no P.N.PG"

Comunicações

14:30 - Abertura

"O mundo que estamos a perder"

Américo Rodrigues
Lic. M.C. da Computação - Universidade do Minho
Moderador do Debate
Membro da Organização da Festa Cultural
Fundador do NEP dos Montes Laboreiro

15:00

"Castelo do Leboeyro /Fragmentos de uma Fortaleza Medieval"

José Domingues
Lic. Direito - Universidade Católica do Porto
Doutorando na Universidade Santiago de Compostela
Autor do livro: "O Couto de S.João de Lamas de Mouro"
Fundador do Jornal Porto dos Cavaleiros
Fundador do NEP dos Montes Laboreiro

15:45

"O Monte do Castelo"

Roberto Leão
Lic. Arquitectura - Universidade do Porto
Realizou trabalhos de arqueologia no castelo de Castro Laboreiro, no povoado do sudeste do castelo e no pelourinho nos anos 70 e 80
Executou gravuras de vasto património local

16:20 - Intervalo

Lançamento do livro: O Foral de D. Afonso Henriques a Castro Laboreiro, "ádito" para o debate - Publicação do NEP dos Montes Laboreiro

16:30

"Castro Laboreiro: Salvar e Valorizar um Território de Brandas, Inverneiras e Lugares Fixos"

Alexandra Cerveira Pinto Sousa Lima
Lic. História / Arqueologia - Universidade do Porto
Mestrado em Arqueologia - Universidade do Porto
Doutoranda na Universidade Nova de Lisboa
Autora do livro: "Castro Laboreiro: Povoamento e Organização de um Território Serrano"

17:15

"Necrópole Megalítica do Planalto de Castro Laboreiro"

Alda Rodrigues
Lic. História / Arqueologia - Universidade do Minho
Colaboradora do P.N.P.G. com incidência no levantamento de monumentos megalíticos

17:45

Leitura dos Versos do "tio Sabino"

José Rodrigues, singular poeta Crastejo do lugar dos Portos e de Curveira, narra em 120 quadras a sua primeira viagem a salto, para ganhar a vida em terras de França

Leitora: Armandina Fernandes
Lic. Física Aplicada - Universidade do Minho
Familiar de José Rodrigues
Membro da Organização da Festa Cultural

18:00- Encerramento

Exposição de Pintura sobre Castro Laboreiro de Madalena Lima

* a confirmar

(Continuação da pág. anterior)

a vaca morria, havia que *abonar* aquele dinheiro ao próprio dono da dita vaca e por infelicidade era o que mais acontecia. Havia grandes epidemias nos gados, como nos porcos, porque naquele tempo veterinário não havia, havia uns homens que chamavam **curandeiros**^[2], mas esses mesmos eram poucos e o gado adoecia e morria e lá vinham mais problemas.

Agora quanto à saúde da gente daquele tempo também eram muitas vezes bastante difíceis de resolver, devido a não haver Doutores, sim havia um Doutor em Melgaço, mas naquele tempo o transporte era a cavalo ou a pé. Estrada não havia, nós cá para cima tínhamos um **cirurgiom**^[3] que estávamos avençados com ele, isto é, pagava-se-lhe um alqueire de centeio por ano por ano e era o que nos dava os medicamentos, mas tudo à força de ervas do campo, de vez em quando lá receitava uns comprimidos para a febre, em injeções naquele tempo ninguém falava, a gente também era mais forte que é agora.

Eu vou dizer o motivo de a gente ser mais dura e não haver tantas doenças como agora, primeiro as culturas, isto é, batata, milho, centeio, couves, enfim tudo o que era de alimentação era colhido simplesmente com estrume do gado, não se *botava* adubos químicos, não se *botava* o veneno nas batatas, que não havia o escaravelho, tudo que se comia era natural e os gados só se alimentavam de erva, mais nada, ou quem tivesse muito milho, *lhe botasse* um punhado de farinha, mas tudo natural. *Aonde* hoje tudo que se come, nós e os animais, é artificial.

Mas estes pormenores escrevi um pequeno resumo, demais tanta coisa havia a contar, a este fim falei aqui para se deslocar a Melgaço havia que ir a pé, fui muitas vezes enquanto não chegou aqui a estrada.

Depois de 1940 que aqui chegou a estrada ao Porto Ribeiro, já havia estrada, mas não havia automóveis para andar nela, no concelho de Melgaço havia dois automóveis e o problema ainda era outro, que não havia dinheiro para o *fretar* isto foi assim muito tempo até que a vida começou a melhorar um pouco devido a haver trabalhos, havia também a *rambóia*, ou melhor dizer, contrabando entre Portugal e Espanha, isto deu algum geito nestas terras junto à fronteira: fui muitas vezes com 35 kilos até ao Carvalhinho à beira de Orense, passávamos às vezes quatro ou cinco dias, para ganhar 35\$00, enfim tudo era miséria, mas imos vivendo com custo.”

2.ª Memória

“Lamas de Mouro antes de ter este nome passou por diversos nomes e costumes e diversas raças de gente, em tempos muito remotos foi habitada [por] Cartagineses, Celtas, Romanos, Ibéricos, Mouros e, finalmente, por católicos. Os primeiros habitavam nas montanhas e viviam da caça, isto é, do javali a cabra selvagem e de caça^[4], não conheciam agricultura, nem tinham ferramentas para trabalhar e desconheciam o lume, por isso comiam a carne crua e o peixe que conseguiam apanhar, faziam as habitações nas grandes fragas para aí se abrigar das feras e do mau tempo e em algumas partes que não havia fragas, como naquele tempo havia grandes florestas faziam as habitações nas árvores e também como o homem naquele tempo era meio selvagem, mas mais inteligente que os outros animais, de vez em quando roubava-lhe as habitações deles e com o andar dos tempos começaram a se construir mais e começaram a fazer umas motas para se abrigar da chuva e do frio as motas escavavam um buraco na terra e depois faziam os muros de pedra e depois cobriam com pedra e terra assim se abrigavam do mau tempo e das feras e também se alimentavam de fruta e mel e cobriam-se com a pele dos animais. Assim se passaram muitas centenas de anos até que com o andar tempo, um certo dia, houve um homem que estava no monte a arranjar arma, isto [é], uma espécie de lança de madeira dura e estava a limar um pau no outro e começou a fumar e tanto limou até que fez lume e daí não o deixou apagar e foi desses dois paus que *lhe veio* o lume e depois para o oriente já eram mais inteligentes e começaram a vir para o ocidente, isto é, os romanos começaram a cultivar a terra e depois vieram os mouros, os árabes, esses já trabalhavam a terra e depois os mouros que passaram muito tempo nesta nossa terra que esta igreja foi feita por eles que a porta principal foi modificada

demais era feita de arco e falei ali no principio das tais habitações, ou sejam as motas, aqui aonde nós havia uma no alto das Motas que ainda lá existe e outra ao Portal das Folgueiras e havia outra no rio da Abelha. Era assim o tempo daquela gente que habitava estas montanhas.

Os católicos vieram para estas terras, no ano 812 o bravo Bernardo del Carpio sobrinho do rei de Aragão que derrotou 700 mil mouros nas Veigas de Lamas e depois aqui se ficou a religião católica.

Tinha eu 12 anos e por ter uma ideia um pouco pensativa e um pouco de pensar e de saber coisas novas e velhas, tinha eu um avô que era muito bom e inteligente e eu gostava de saber muitas coisas e perguntava então ao meu avô que me explicasse como se chamavam os montes que formam a nossa terra e ele lá me começou então a dizer como se chamavam os montes e donde derivavam os seus nomes.

Começando pelo lado norte, isto é, pela Cabeça do Pito, ou monte de *riba*, começando pela Trincheira, disse-me: olha, ali na Trincheira, no tempo do rei de Leão e Castela fez ali uma trincheira, ou seja, um muro de pedra para se defender dos mouros, que naquele tempo habitavam em Portugal e daí *lhe veio* o nome de Trincheira, o que passado tempo foi utilizada para o rei D. Afonso Henriques, que defendeu Portugal do rei de Espanha^[5].

Daí sobe até à Cabeça do Pito, passa no coto da Agorita, que então no tempo de D. Afonso Henriques fez ali no dito coto uma gorita onde um soldado vigiava o inimigo quando se aproximava e daí *lhe veio* o nome do coto Agorita^[6].

Um pouco mais acima Corga Seca, também naquele tempo os soldados tinham sede e um oficial disse-lhe – *ide* aquela corga buscar água. Mas como era no Verão não havia água e puseram-lhe Corga Seca.

Mais lá no alto, aí as Ceivadas, os mouros e castelhanos foram pelo monte acima e de cansados que estavam um disse – eu já nem seiva tenho na boca. Daí *lhe veio* o nome de Ceivadas.

Um pouco mais acima está o coto da Pena, aí se encontrava um pobre mouro a olhar para baixo e via os seus familiares todos mortos pelo castelhano e tanta pena *lhe deu* que disse – pobre coto da Pena que tantos homens viste morrer.

E depois temos a Cabeça do pito, foi aí nesse sítio, onde é a divisão da nossa freguesia com Fiães, que um caçador matou uma ave tão pequena e [com] uma cabeça tão grande e depois quando chegou à beira da ave era uma águia que trazia um pito na boca, o pito ficou e a águia fugiu, daí *lhe puseram* a Cabeça do Pito.

Mais abaixo, aí há uma pequena *rechão* a onde *lhe chamam* o Chão da Malhada, naquele tempo as vacas não eram *cangadas* ou *juguidas* para *carrar*, assim faziam o transporte com mulas, ou às costas dos homens e semeavam o centeio no monte e malhavam-no nesse sítio; outros dizem que se juntaram aí os das freguesias de Rouças e Fiães e de Lamas e que aí bateram uns nos outros e que daí *lhe veio* o nome de Chão da Malhada.

Aqui volto à Trincheira, onde comecei, temos Solar de Muros, a estrada Romana que vinha de Monção, Valinha, Couço, Pomares, Cuvalhão, Lamas, Castro e passava então aqui neste sítio e *veio-lhe* o nome de suar dos burros, porque aí os burros suavam e ficou o nome de Solar de Muros^[7].

Mas no cima da ladeira, é escusado dizer donde *lhe veio* o nome, nesta dita ladeira há uma fraga ou cotos que *lhe chamam* o relógio, porque quando (da o sol ao) o sol entrar lá numa baixa que tem é meio dia, isto é, meio dia solar, daí *lhe veio* o nome de fraga do Relógio.

Mais adiante há a corga do Reçao, naquele tempo e ainda agora, há um caminho que ia de Lamas a Castro e lá no cima da ladeira há um **muro**^[8] que tem 2,5^m de largura, que fizeram os mouros para não deixarem passar os espanhóis e estava de guarda um homem que se chamava Rosário e daí *lhe veio* o nome de Rosaio.

Mais um pouco à frente a corga das Fexas, aí na dita corga tinha umas cancelas onde juntavam os ditos muros, que dum lado ainda hoje existem, daí *lhe ficou* a corga das Fexas.

Um pouco mais à frente fica o Lameiro do Gavião, este nome é derivado ao facto de um certo dia estar ali um pastor

(Continua na pág. seguinte)

Memórias de um amigo da nossa terra

Manuel Pereira



Dados Biográficos:

Nome:

Manuel José Pereira

Data de Nascimento:

1922/Abril/09

Naturalidade:

Lamas de Mouro

Profissão:

Reformado.

Nesta busca aturada, sempre na esperança de descobrir quaisquer indícios descritivos do passado da nossa terra, foi-nos a sorte fagueira

ao contactarmos um conterrâneo amigo, que, em breves momentos de ócio, resolveu escrever, numa simples "Agenda Condor do ano de 1977", algumas memórias do seu passado.

São essas memórias, que no original se encontram divididas em duas partes, espaçadas por algumas folhas, por isso as dividimos também em memória n.º 1 e memória n.º 2, que, com o consentimento do autor, apresentamos em letra de imprensa aos nossos leitores, neste primeiro n.º do jornal da freguesia de Lamas de Mouro – Porto dos Cavaleiros.

A primeira impressão de quem as lê não pode deixar de ser, sem dúvida, o apego do autor à sua terra natal, que numa linguagem singela e despretensiosa, de quem escreve para si, nos dá conta de crenças, costumes e tradições locais que vão desaparecendo no pó da história.

Na primeira memória, revive os seus tempos de infância e o despertar para a aspereza da vida, dando-nos conta da economia muito rudimentar praticada pelos povos que, desde há muitos séculos, ocuparam esta zona agreste dos montes de Laboreiro: a criação de gado e o labor da terra são as fontes primordiais de subsistência, a que depois se veio juntar a emigração e o contrabando, próprio destas zonas raianas; num quase sistema de troca, faziam carvão de urze e aproveitavam a palha centeia para conseguir algum dinheiro líquido.

Na segunda memória, o autor, relata uma série de lendas e mitos locais explicativos da origem de alguns topónimos desta freguesia, que lhe foram transmitidos pelo seu avô, que, muito provavelmente, também os tinha ouvido a um seu antepassado, sendo, por isso, testemunhos evidentes de uma identidade cultural, que prima pela existência, guardando em memória os seus cultos seculares, caso contrário, tal como um ser que perde a sua memória se torna num corpo vazio, assim um povo se converte numa sombra daquilo que foi.

Na transcrição que se segue fizemos algumas correcções, nomeadamente, substituímos o **b** por **v** e vice-versa, aplicamos alguma pontuação, corrigimos o uso do **h** e o uso de maiúsculas, completamos algumas palavras, sem no entanto alterar o sentido do relato e preservando alguns termos que espelham o calão próprio da zona. Para finalizar, as notas que nos são possíveis e que achamos de algum interesse para uma melhor compreensão, vão destacadas em coluna ao lado, devidamente identificadas.

1.ª Memória:

"(...) vou descrever alguns pormenores do que era a nossa querida terra, os costumes que nela havia, até meados do ano de mil novecentos e trinta e cinco, ora eu nasci no ano de mil novecentos e vinte e dois, a 9 de Abril.

Assim comecei a lembrar-me desse tempo e do que meus avôs e meus pais me contavam e lembrei-me de descrever esta minha ideia do que foi o meu tempo passado e o tempo da nossa

terra. Quando eu nasci não havia, ou melhor, no tempo dos meus avôs não havia escola para aprender a ler, só os homens aprendiam algumas letras, isto é, a fazer uma carta e era o padre da freguesia que os ensinava, as mulheres essas não sabiam ler, isto aqui nas montanhas.

Por isso eu e muitos como eu não aprendemos até uma certa idade, já lá iremos quando for ocasião, assim fui-me criando juntamente com os meus familiares, onde comecei a ir com o gado e com a rês, isto é, com as ovelhas e cabras para o monte. Lá saía pela manhã e só à noite é que vinha de volta, faz-me lembrar tempos maravilhosos e tristes ao mesmo tempo. Eu vou explicar os motivos de maravilhas e de tristezas que passei, os tempos de alegria era quando era pequeno, que ia para o monte com o rebanho: primeiro, pela manhã havia um uso de chamar a gente para *botar* a rês, cada pastor, no dia que lhe tocava de ir com a rês, pela manhã havia um corno de uma vaca e fazia dele uma buzina, a onde se fazia ouvir por todo o lugar, para assim cada vizinho já sabia que tinha de ir *botar* a rês. E lá se ia para o monte com uma saca com um pedaço de pão e um *rojom* quando o havia, que não era sempre que o havia, que a vida era muito dura, que o dinheiro era pouco, mas dizia eu que o monte dava alegria e depois nasciam os anhos e cabritos, que eram tão bonitos, que era aí que havia a alegria. O pastor levava sempre um grande pau e um cão ou dois, devido aos lobos que atacavam o rebanho, eu cheguei a ver aos três e quatro lobos juntos e quando era pequeno tinha-lhe muito medo depois já não lhe tinha assim medo porque fui crescendo e habituando-me a vê-lo quase todos os dias.

Isto eram dias de alegria, mas chegaram também dias de tristeza, quando já tinha mais conhecimento e comecei a pensar mais o que era a vida numa família como a nossa e as dificuldades que havia para viver aí é que eu comecei a ter tristeza, pelo que os meus familiares passavam, o trabalho e sacrifícios que tinham para levar a vida para nos vestir e dar de comer. Eram dias duros de trabalho no campo, a cultivar o pão que comíamos e, de parte, para poder ter algum tostão tinham que ir para o monte fazer carvão de urze e onde passavam um dia inteiro para fazer um ou dois sacos e para o outro dia i-lo vender a Melgaço, a S. Gregório, e era vendido por dois escudos cada saco, depois já foi subindo até cinco escudos e também se levava palha para vender, para poder comprar um bocado de bacalhau ou arranjar uma roupinha para vestir, aí é que chegou a minha tristeza.

Porque enquanto era mais pequeno não pensava o que era o sacrifício nem as dificuldades numa família, mas enfim, deixemos as tristezas, que mais ou menos todos têm, ou pobres ou ricos, todos têm as suas dificuldades e diz o ditado que tristezas não mantêm ninguém.

Assim, cheguei à altura de entrar na escola, ao princípio foi-me algo difícil aprender, mas com o tempo lá fui indo até concluir o exame da 4.ª classe, que naquele tempo já era bem bom.

Meus pais quiseram-me internar num seminário para estudar para padre, mas não fui de acordo, nesse tempo já tinha catorze anos, já tinha um pouco de entendimento e pensei muito e não fui de acordo e para outra carreira de estudos não havia dinheiro.

Assim, lá fiquei sempre o mesmo de sempre, com mais umas luzes do que era o mundo, mas que adiantava isso se faltava o melhor, o dinheiro, que não o havia. Assim, havia que trabalhar todos os dias quando não se ia com o rebanho. O meu pai, esse, como todos os homens desta terra, iam para a Espanha e as mulheres e nós os pequenos é que fazíamos o trabalho, mas na Espanha ganhava-se pouco, não dava quase para as despesas, o gado que havia era todo **gado ao ganho**[], isto é, homens que tinham muito dinheiro, que a vida os tinha protegido, esses é que compravam as vacas e depois nós é que as mantínhamos, e as crias que dessem, o dinheiro era partido a meio, se acaso

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da pág. anterior)

a vaca morria, havia que *abonar* aquele dinheiro ao próprio dono da dita vaca e por infelicidade era o que mais acontecia. Havia grandes epidemias nos gados, como nos porcos, porque naquele tempo veterinário não havia, havia uns homens que chamavam **curandeiros**^[2], mas esses mesmos eram poucos e o gado adoecia e morria e lá vinham mais problemas.

Agora quanto à saúde da gente daquele tempo também eram muitas vezes bastante difíceis de resolver, devido a não haver Doutores, sim havia um Doutor em Melgaço, mas naquele tempo o transporte era a cavalo ou a pé. Estrada não havia, nós cá para cima tínhamos um **cirurgiom**^[3] que estávamos avençados com ele, isto é, pagava-se-lhe um alqueire de centeio por ano por ano e era o que nos dava os medicamentos, mas tudo à força de ervas do campo, de vez em quando lá receitava uns comprimidos para a febre, em injeções naquele tempo ninguém falava, a gente também era mais forte que é agora.

Eu vou dizer o motivo de a gente ser mais dura e não haver tantas doenças como agora, primeiro as culturas, isto é, batata, milho, centeio, couves, enfim tudo o que era de alimentação era colhido simplesmente com estrume do gado, não se *botava* adubos químicos, não se *botava* o veneno nas batatas, que não havia o escaravelho, tudo que se comia era natural e os gados só se alimentavam de erva, mais nada, ou quem tivesse muito milho, lhe *botasse* um punhado de farinha, mas tudo natural. *Aonde* hoje tudo que se come, nós e os animais, é artificial.

Mas estes pormenores escrevi um pequeno resumo, demais tanta coisa havia a contar, a este fim falei aqui para se deslocar a Melgaço havia que ir a pé, fui muitas vezes enquanto não chegou aqui a estrada.

Depois de 1940 que aqui chegou a estrada ao Porto Ribeiro, já havia estrada, mas não havia automóveis para andar nela, no concelho de Melgaço havia dois automóveis e o problema ainda era outro, que não havia dinheiro para o *fretar* isto foi assim muito tempo até que a vida começou a melhorar um pouco devido a haver trabalhos, havia também a *rambóia*, ou melhor dizer, contrabando entre Portugal e Espanha, isto deu algum geito nestas terras junto à fronteira: fui muitas vezes com 35 kilos até ao Carvalhinho à beira de Orense, passávamos às vezes quatro ou cinco dias, para ganhar 35\$00, enfim tudo era miséria, mas imos vivendo com custo.”

2.ª Memória

“Lamas de Mouro antes de ter este nome passou por diversos nomes e costumes e diversas raças de gente, em tempos muito remotos foi habitada [por] Cartagineses, Celtas, Romanos, Ibéricos, Mouros e, finalmente, por católicos. Os primeiros habitavam nas montanhas e viviam da caça, isto é, do javali a cabra selvagem e de caça^[4], não conheciam agricultura, nem tinham ferramentas para trabalhar e desconheciam o lume, por isso comiam a carne crua e o peixe que conseguiam apanhar, faziam as habitações nas grandes fragas para aí se abrigar das feras e do mau tempo e em algumas partes que não havia fragas, como naquele tempo havia grandes florestas faziam as habitações nas árvores e também como o homem naquele tempo era meio selvagem, mas mais inteligente que os outros animais, de vez em quando roubava-lhe as habitações deles e com o andar dos tempos começaram a se construir mais e começaram a fazer umas motas para se abrigar da chuva e do frio as motas escavavam um buraco na terra e depois faziam os muros de pedra e depois cobriam com pedra e terra assim se abrigavam do mau tempo e das feras e também se alimentavam de fruta e mel e cobriam-se com a pele dos animais. Assim se passaram muitas centenas de anos até que com o andar tempo, um certo dia, houve um homem que estava no monte a arranjar arma, isto [é], uma espécie de lança de madeira dura e estava a limar um pau no outro e começou a fumar e tanto limou até que fez lume e daí não o deixou apagar e foi desses dois paus que lhe veio o lume e depois para o oriente já eram mais inteligentes e começaram a vir para o ocidente, isto é, os romanos começaram a cultivar a terra e depois vieram os mouros, os árabes, esses já trabalhavam a terra e depois os mouros que passaram muito tempo nesta nossa terra que esta igreja foi feita por eles que a porta principal foi modificada

demais era feita de arco e falei ali no principio das tais habitações, ou sejam as motas, aqui aonde nós havia uma no alto das Motas que ainda lá existe e outra ao Portal das Folgueiras e havia outra no rio da Abelha. Era assim o tempo daquela gente que habitava estas montanhas.

Os católicos vieram para estas terras, no ano 812 o bravo Bernardo del Carpio sobrinho do rei de Aragão que derrotou 700 mil mouros nas Veigas de Lamas e depois aqui se ficou a religião católica.

Tinha eu 12 anos e por ter uma ideia um pouco pensativa e um pouco de pensar e de saber coisas novas e velhas, tinha eu um avô que era muito bom e inteligente e eu gostava de saber muitas coisas e perguntava então ao meu avô que me explicasse como se chamavam os montes que formam a nossa terra e ele lá me começou então a dizer como se chamavam os montes e donde derivavam os seus nomes.

Começando pelo lado norte, isto é, pela Cabeça do Pito, ou monte de *riba*, começando pela Trincheira, disse-me: olha, ali na Trincheira, no tempo do rei de Leão e Castela fez ali uma trincheira, ou seja, um muro de pedra para se defender dos mouros, que naquele tempo habitavam em Portugal e daí lhe veio o nome de Trincheira, o que passado tempo foi utilizada para o rei D. Afonso Henriques, que defendeu Portugal do rei de Espanha^[5].

Daí sobe até à Cabeça do Pito, passa no coto da Agorita, que então no tempo de D. Afonso Henriques fez ali no dito coto uma gorita onde um soldado vigiava o inimigo quando se aproximava e daí lhe veio o nome do coto Agorita^[6].

Um pouco mais acima Corga Seca, também naquele tempo os soldados tinham sede e um oficial disse-lhe – ide aquela corga buscar água. Mas como era no Verão não havia água e puseram-lhe Corga Seca.

Mais lá no alto, aí as Ceivadas, os mouros e castelhanos foram pelo monte acima e de cansados que estavam um disse – eu já nem seiva tenho na boca. Daí lhe veio o nome de Ceivadas.

Um pouco mais acima está o coto da Pena, aí se encontrava um pobre mouro a olhar para baixo e via os seus familiares todos mortos pelo castelhano e tanta pena lhe deu que disse – pobre coto da Pena que tantos homens viste morrer.

E depois temos a Cabeça do pito, foi aí nesse sítio, onde é a divisão da nossa freguesia com Fiães, que um caçador matou uma ave tão pequena e [com] uma cabeça tão grande e depois quando chegou à beira da ave era uma águia que trazia um pito na boca, o pito ficou e a águia fugiu, daí lhe puseram a Cabeça do Pito.

Mais abaixo, aí há uma pequena *rechão* a onde lhe chamam o Chão da Malhada, naquele tempo as vacas não eram *cangadas* ou *juguidas* para *carrar*, assim faziam o transporte com mulas, ou às costas dos homens e semeavam o centeio no monte e malhavam-no nesse sítio; outros dizem que se juntaram aí os das freguesias de Rouças e Fiães e de Lamas e que aí bateram uns nos outros e que daí lhe veio o nome de Chão da Malhada.

Aqui volto à Trincheira, onde comecei, temos Solar de Muros, a estrada Romana que vinha de Monção, Valinha, Couço, Pomares, Cuvalhão, Lamas, Castro e passava então aqui neste sítio e veio-lhe o nome de suar dos burros, porque aí os burros suavam e ficou o nome de Solar de Muros^[7].

Mas no cima da ladeira, é escusado dizer donde lhe veio o nome, nesta dita ladeira há uma fraga ou cotos que lhe chamam o relógio, porque quando (da o sol ao) o sol entrar lá numa baixa que tem é meio dia, isto é, meio dia solar, daí lhe veio o nome de fraga do Relógio.

Mais adiante há a corga do Reçao, naquele tempo e ainda agora, há um caminho que ia de Lamas a Castro e lá no cima da ladeira há um **muro**^[8] que tem 2,5^m de largura, que fizeram os mouros para não deixarem passar os espanhóis e estava de guarda um homem que se chamava Rosário e daí lhe veio o nome de Rosaio.

Mais um pouco à frente a corga das Fexas, aí na dita corga tinha umas cancelas onde juntavam os ditos muros, que dum lado ainda hoje existem, daí lhe ficou a corga das Fexas.

Um pouco mais à frente fica o Lameiro do Gavião, este nome é derivado ao facto de um certo dia estar ali um pastor

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da pág. anterior)

com o rebanho e como o terreno era muito húmido formava lameiro e um pequeno cordeiro ficou no meio do lameiro e veio um gavião tão grande que o agarrou e o levou, depois desse dia ficou-se a chamar Lameiro do Gavião, em vez de Lameiro.

Um pouco mais à frente fica a corga do Rio Cobo (pouco), isto é no sítio onde nasce o dito rio antes diz que havia ali uma cova onde se metia bixo(?), que lhe davam o nome de Covado, que já não existe há muitos anos.

Vamos indo, mais à frente, onde encontramos uma grande fraga que antigamente no meio da dita fraga havia um grande carvalho e como já tinha muitos anos, no meio dele, criou-se, ou para melhor explicar, um grande buraco e ficou oco e das folhas que iam caindo formou-se terra e um certo dia uma ave trouxe no bico um grão de nabo e daí saiu um nabo e depois criaram-se muitos nabos e daí lhe veio o nome Galhas do Nabal.

Logo a seguir lhe chamam Ortiga, este é bem simples de saber, sim, vem derivado de ortiga, mas foi desta forma que lhe veio o nome: um certo dia encontraram lá um homem que tinha caído de um penedo e ficou todo cheio de mours e sangue pisado e aplicaram-lhe então ortigas para comer aquele sangue e o homem ficou ali até se curar e daí ele disse – graças às ortigas estou curado. Daí lhe veio o nome de Ortiga.

Mais lá para os lados da Peneda está o Lagarto, este não vale a pena dizer mais nada, pois lá está um penedo quem o veja de cá de baixo é um lagarto bem feito, daí lhe veio o nome de Lagarto.

Temos as fragas de Cidadelha, que ficam do outro lado, mas antes temos a portela do Lagarto, isto fica no meio de Cidadelhe e do Lagarto, daí lhe veio o nome de portela do Lagarto.

Cidadelhe⁹, dizia então o meu avô, que em tempos que os homens habitavam nos montes que ali, naquelas fragas, habitavam muitos e (lhe chamavam) havia um que lhe chamavam Cindadelho e daí lhe ficou o nome de Cidadelha.

Vindo para baixo, chegamos às Portas de Videiro, pois antigamente os nossos montes estavam cobertos de arvoredos, carvalhos e vidos, do lado poente do dito monte havia um pequeno vale que havia muitos vidos, no cimo do monte havia umas portas que não deixavam passar os animais, dum lado para o outro, por isso lhe chamaram as Portas de Videiro.

Vamos para perto do nosso lugar, mas antes temos a fraga da Bornosa, que lhe deram vários nomes, uns que diziam que invernavam ali, de inverno, o **urso**¹⁰ branco, outros diziam que veraneavam ali de Verão, assim, ao certo não se sabe, mas deve derivar daí o nome de Vernosa.

Temos mais abaixo, à beira do rio Mouro, o coto da Moura, que diziam os antigos que ali estava uma moura encantada, daí lhe veio o nome de coto Mouro e daí lhe veio o nome do rio Mouro.

E dizem ainda que Lamas de Mouro ou Lágrimas de um Mouro, lhe veio o nome à nossa querida terra, há tantos nomes dos nossos montes e do nosso lugar, que alguns são maus de interpretar da linguagem deles para a nossa.

O nosso lugar foi começado, segundo o meu avô me contou, no Espinhosinho: havia aí duas casas e outras ou uma no Ursilhão, a do Espinhosinho eram dois irmãos, um chamava-se Espim e o outro Sinho e o primeiro era mais velho e queria-lhe o nome de Espinho e o mais novo queria-lhe dar Sinho, assim começaram a discutir até que lhe puseram o nome dos dois, Espinhosinho. O do Ursilhão esse não teve dificuldade em lhe pôr nome pois era ele sozinho, chamava-se Frei João Urzelia, daí lhe veio nome de Urzilhão.

E também me contou meu avô que esta freguesia de Lamas de Mouro é das mais antigas do nosso concelho, antigamente era abadia, quer dizer, chamava-se abade ao que dizia aqui missa. Vinham enterrar aqui os mortos de todo o que hoje é o concelho de Melgaço, depois já mais tarde, ouseja talvez no ano de 1500 é que já começaram a fazer mais igrejas e cemitérios, mas Rouças, São Paio, Cubalhão, Castro ainda aqui ficaram a vir até 1700.

Em nosso tempo não havia estrada era por caminhos que se fazia o transporte, pois a estrada de Melgaço a Lamas só no ano de 1940 é que chegou ali ao Porto Ribeiro.

E a demarcação da nossa freguesia isto é os limites, segundo me contou o meu avô, que tinha muita experiência do tempo dele e dos seus avôs, que lhe contavam então por onde era os limites dos nossos montes começando pelo norte temos da ponte que passa da Alcobaça para a Espanha tudo pelo caminho até ao Santinho, onde a um cruzeiro e à beira há um marco onde divide Lamas de Fiães, desse dito marco vai pela Nogral à Fonte Canhota e ao marco que fica na Cabeça do Pito, baixa até ao Chão da Malhada e no marco já parte com Rouças e na Chã da Malhada parte também com São Paio, dali vai pelo alto para onde deixa São Paio parte com Cubalhão, Laja Preta, fraga de Costa Má, corga das Regadas, as Cortelhas ou seja ao rio Mouro e isto é do poente e à volta com o poente fica Parada do Monte, que devida o rio Mouro até ao Fojo, daí devida as duas freguesias o rio de Medoira até Parte Águas, ali já deixa Parada Monte para fazer a parte de Peneda, ou seja a freguesia da Gaviéria, sobe das Parte Águas ao coto do Meleiro, coto do Corno (ou coto corno) Pradoeiro, Cidadelha, Portela do Lagarto, sobe direito ao Lagarto e ali segue serra para, isto é, de sul para norte, parte com Castro Laboreiro, do nascente, vai tudo pelo alto fora até ao Porto dos Cavaleiros ou para melhor dizer até à corga que bem de Portelinha, dali baixa pelo rio Trancoso onde encontramos o marco 2e o tal Porto dos Cavaleiros, foi neste dito Porto que atravessou **D. Afonso VII de Castela**¹¹, o rei de Leão e Castela, onde foi derrotado no vale do rio Vez no ano de 1129 e em 1139 o alcaide de Alhariz passando por esta freguesia pôs-lhe o nome Abadia, por ser a freguesia das mais antigas do concelho de Melgaço, [que] ainda não existia.”

Catarina A. Domingues
José Domingues

¹ **Gado a Ganho** – Trata-se de um contrato jurídico, já caído em desuso, pelo qual, tal como explica o autor, alguém com mais possibilidades económicas adquiria o gado vacum, que depois entregava a um agricultor para este o utilizar no trabalho, tendo que o manter, o lucro das crias era repartido a meio por ambas as partes, em caso de perda do animal o agricultor tinha que reembolsar o proprietário.

Encontramos uma referência escrita a este tipo de contrato no testamento, lavrado aos 20 dias de Julho de 1840, do reverendo Francisco Luís Afonso, abade de Lamas de Mouro desde 1808, onde diz que “quanto aos bens moveis, semoventes e trastes e roupas de casa e gados a vanho, disse ele testador os deixava aos seus sobrinhos”.

² **Curandeiros** – A profissão de curandeiro passava de pais para filhos, sendo o seu conhecimento de senso comum transmitido de geração em geração.

³ **Cirurgiões** – Tal como os curandeiros, o seu conhecimento nesta matéria era uma conhecimento tradicional, e, sem dúvida, que esta designação de cirurgiões nos trás à memória os médicos de épocas muito mais recuadas.

⁴ O autor quer significar a caça menor: coelho, perdiz etc.

⁵ **Trincheira** – Pelo menos durante as guerras da Restauração foi aqui levantado um sistema defensivo e a Gazeta de 1641 relatava que “onze homens de Castro Laboreiro que estavam na **Trincheira** virão no campo doze cavalleiros castelhanos os quais vinhão a reconhecer e derão-lhes huam carga com que matarão sete e cativarão os mais e lhe tomarão as armas e os cavallos e os mandarão presos a Valença. Vinão atras destes cavalleiros trezentos infantes e sem saberem do que lhes havia socedido acometerão a trincheira, mas os onze mosqueteiros lhes derão duas cargas com que matarão alguns e os mais fugirão e não forão tão poucos os mortos e os cativos, que não fossem por todos 31 e dos nossos ninguem perigou”.

⁶ **Gorita** – Está confirmada a existência, nestas proximidades, de um facho que servia para fazer sinais luminosos entre os castelos de Melgaço e Castro Laboreiro.

⁷ **O Caminho de Valadares** – Por aqui passava a via medieval que ligava a sede do concelho de Valadares ao de Castro Laboreiro e que alguns dizem tratar-se de uma via romana, mas a referência mais recuada parece ser a do reinado de D. Pedro I, na segunda metade do século XIV.

⁸ **Muro do Couto** – A primeira referência documentada a esta construção medieval encontrei-a no tomo da comenda de Santa Maria de Castro Laboreiro, elaborado no ano de 1565, mas existem outros documentos que o referem, como por exemplo os tombos da Comenda de Távora, ao delimitarem o espaço territorial de Lamas de Mouro. Esses documentos descrevem-nos a linha limítrofe que separa estas duas freguesias, Lamas de Mouro e Castro Laboreiro, a começar no Porto dos Asnos, segue a direito ao outeiro que lhe fica sobranceiro, a que o primeiro documento chama Olhar de Muros e hoje evoluiu para a forma corrompida de Solar de Muros, aí começa o muro da costa de Lamas que separa os territórios desta freguesia com a de Castro Laboreiro e vai terminar na Portela do Lagarto.

Assim, pelo menos desde o séculos XVI, este muro estendia-se desde o sítio de Solar de Muros até à Portela do Lagarto, numa grande extensão de quilómetros.

⁹ **Cidadelhe** – É hoje geralmente aceite a ligação deste topónimo à presença do homem pré-histórico.

¹⁰ **Urso** – A existência deste animal na fauna venatória destes montes é documentada desde épocas muito recuadas, sobretudo pelas inquirições de D. Afonso III, até ao século XVII.

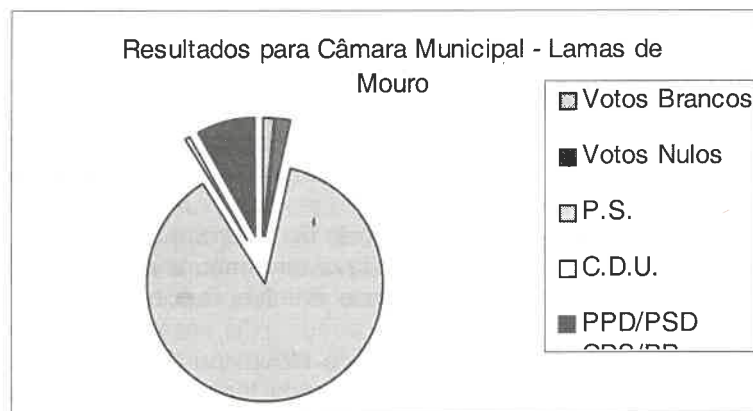
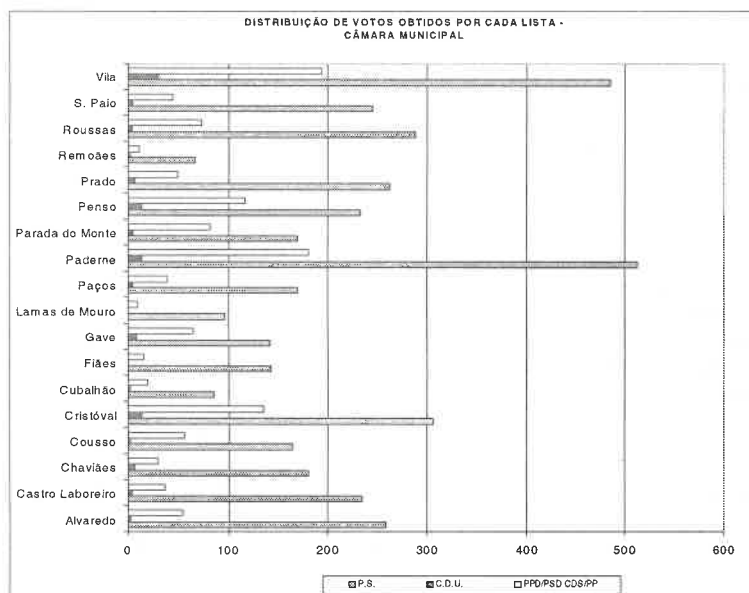
¹¹ **D. Afonso VII** – A tradição da passagem deste monarca leonês por esta freguesia já vem referida pelo autor oitocentista, José Augusto Vieira, na sua monumental obra, O Minho Pitoresco, e foi aceite como bastante provável pelo P.º Bernardo Pintor, no seu imprescindível trabalho do Recontro de Val-de-Vez.

ELEIÇÕES PARA OS ORGÃOS DAS AUTARQUIAS LOCAIS

16 DEZEMBRO 2001

CÂMARA MUNICIPAL

FREGUESIA	Nº Eleitores Inscritos	Total de Votantes	Votos Brancos	Votos Nulos	P.S.	C.D.U.	PPD/PSD CDS/PP
Alvaredo	559	328	5	7	259	3	54
Castro Laboreiro	871	300	15	9	235	4	37
Chaviães	519	227	6	6	180	6	29
Cousso	425	235	3	9	165	2	56
Cristóval	678	483	19	9	306	14	135
Cubalhão	264	111	3	1	86	2	19
Fiães	417	171	6	5	143	1	16
Gave	404	226	8	3	142	8	65
Lamas de Mouro	229	111	2	2	97	1	9
Paços	444	224	6	2	169	5	40
Paderne	1410	752	28	17	513	14	180
Parada do Monte	647	275	17	2	169	5	82
Penso	548	377	7	6	233	14	117
Prado	517	324	4	2	262	6	50
Remoães	177	80	0	0	67	2	11
Roussas	711	382	9	7	288	4	74
S. Paio	701	308	5	9	245	5	44
Vila	1197	735	18	11	485	30	193
TOTAL	10718	5649	161	107	4044	126	1211



INFORMAÇÕES ÚTEIS:

Sede da Junta de Freguesia Lamas de Mouro
Tel. 251 465 616

Parque de Campismo Lamas de Mouro
Tel. 251 402 899

Câmara Municipal de Melgaço
Largo Hermenegildo Solheiro
4960-551 – Melgaço
Tel. 251 410 100
Fax. – 251 402 429

Bombeiros Voluntários
Largo Hermenegildo Solheiro
Tel. 251 402 599

G. N. R.
Bairro Senhora da Graça
Roussas
Tel. 251 402 346

Centro de Saúde
Av. Fonte da Vila
Tel. 251 402 337

Farmácias
Durães
Praça da República
Tel. 251 402 249
Dias Ferreira
Rua Rio do Porto
Tel. 251 403 312

Táxis
Praça Amadeu Abílio Lopes
Tel. 251 404 027
Praça da República
Tel. 251 404 004